



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Núcleo de Desenvolvimento Infantil
Curso de Especialização em Educação Infantil
Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476
e-mail : especializacao.ufsc.ndi@gmail.com - Fone 3721-8921

KENELIN APARECIDA SALESKI RICKEL

BRINCANDO ME IDENTIFICO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DAS BRINCADEIRAS

Florianópolis
2012

KENELIN APARECIDA SALESKI RICKEL

**BRINCANDO ME IDENTIFICO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS
DAS BRINCADEIRAS**

Artigo submetido ao Curso de Especialização em
Educação Infantil para a obtenção do Grau de
Especialista em Educação Infantil
Orientador: Prof. Vanessa da Rosa

Florianópolis
2012

KENELIN APARECIDA SALESKI RICKEL

Brincando me Identifico: A Construção da Identidade Através das Brincadeiras

Este artigo foi julgado aprovado para a obtenção do Título de “Especialista em Educação Infantil” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Educação Infantil.

Florianópolis, 11 de abril de 2012.

Prof. Dra. Marilene Dandolini Raupp
Coordenadora Geral do CEEI

Banca Examinadora:

Prof.^a Ms. Vanessa da Rosa

Orientadora

Prof.^a Ms Edla Yara Perini

Primeiro membro

Prof.Dr.^a Eli Maria de Melo Barreto

Segundo membro

BRINCANDO ME IDENTIFICO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DA BRINCADEIRA

Escrito por Kenelin Aparecida Saleski Rickel¹
Orientado pela Professora Mestre Vanessa da Rosa²

RESUMO

A construção da identidade é um processo, inacabado é influenciado pelo meio e suas interações. É nos centros de educação infantil que as crianças estabelecem vínculos com outras crianças e adultos, o que proporciona a elas um desenvolvimento afetivo, cognitivo e social que favorecem suas escolhas e ajudam na construção do Eu. Em muitos processos de construção a brincadeira se encontra presente, não como um mero passa tempo, mas como um apoio para o desenvolvimento infantil. O presente artigo tem por objetivo trazer as contribuições e resultados adquiridos durante o processo de aplicação de um projeto de intervenção realizado com crianças de dois e três anos que visa o reconhecimento pelo nome, e a identificação como ser único.

PALAVRAS CHAVES: Construção da Identidade, Brincadeira e o Reconhecimento pelo Nome.

ABSTRACT

The construction of identity is an unfinished process is influenced by the environment and their interactions. In early childhood education centres in which children establish links with other children and adults, which gives them an affective, cognitive and social development that favor their choices and help in the construction of the self. In many processes of building the joke here, not as a mere passing time, but as a support for child development. This article aims to bring the contributions and results obtained during the process of implementation of an intervention project conducted with children of two and three years aimed at recognition, name and ID as being unique.

INTRODUÇÃO

Falar em identidade é uma coisa muito pessoal que construímos durante nossos anos de vida, e toda essa construção se inicia na família ou na creche/escola, este trabalho foi realizado com o intuito de colaborar com a construção da identidade de cada criança, sendo capazes de se reconhecer como seres únicos.

O projeto de intervenção teve início em maio, fez parte do cotidiano da turma de nível I dois, crianças com idades entre dois e três anos, do Centro Municipal de Educação Infantil Arco Iris em Rio Negrinho, até meados do mês de novembro onde durante este período buscou-se alcançar os seguintes objetivos possibilitar a

¹ Professora de Educação Infantil do município de Rio Negrinho/SC

² Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Joinville, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Atualmente Secretária de Educação do Município de Joinville.

construção da identidade das crianças a partir das relações, de forma autêntica, consciente e contextualizada, identificando gostos e preferências; conhecer seus limites e explorar habilidades, e acima de tudo reconhecê-las como indivíduos únicos.

Esta ideia surgiu quando ao iniciar o ano letivo de dois mil e onze, conheci um menino que tem um irmão gêmeo e idêntico, uma situação um tanto diferente que me chamou a atenção. Estas crianças estudaram na mesma sala, desde o berçário só que durante todo o período em que estiveram juntos eram reconhecidos somente por “geminhos” ou “mano”, e pela semelhança ficava difícil identificá-los pelo nome. Devido a esta situação e por estar ciente que toda criança tem um nome e por ele deve ser chamada e reconhecida, surgiu à inspiração de trabalhar a construção da identidade através da brincadeira e proporcionar o reconhecimento pelo nome.

Este processo de autoconhecimento inicia-se quando nascemos e só termina no final de nossas vidas, é influenciado pela cultura, pelas pessoas com as quais convivemos e pelo ambiente. A escola assim tem um papel fundamental na construção da identidade de cada criança, pois ela acaba proporcionando várias interações o que contribui para o desenvolvimento. Abordar-se-á ao longo deste trabalho alguns conceitos de identidade e a importância que tem o brincar no processo de construção do eu, as contribuições nas relações cotidianas das crianças e as experiências que adquirem nesse convívio social.

INFÂNCIA, CRIANÇA E EDUCAÇÃO INFANTIL

A concepção de infância dos dias atuais é bem diferente de alguns séculos atrás. É importante salientar que a visão que se tem da criança é algo historicamente construído, por isso é que se pode perceber os grandes contrastes em relação ao sentimento de infância no decorrer dos tempos. O que hoje pode parecer uma contradição, como a indiferença destinada à criança pequena, há séculos atrás era algo absolutamente normal. Por maior estranheza que se cause a humanidade nem sempre viu a criança como um ser em particular, e por muito tempo a tratou como um adulto em miniatura, um ser sem importância, quase imperceptível. A criança num processo secular ocupa um maior destaque na sociedade, e a humanidade lhe lança um novo olhar.

Para entender melhor essa questão é preciso fazer um levantamento histórico sobre o sentimento de infância, procurar defini-lo, registrar o seu surgimento e a sua evolução. Segundo Áries, 1978, p.99 “O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem”. Nessa perspectiva o sentimento de infância é algo que caracteriza a criança, a sua essência enquanto ser, o seu modo de agir e pensar, que se diferencia do adulto, e, portanto merece um olhar mais específico.

As creches são produto da revolução industrial. No Brasil surgem em função da crescente urbanização e estruturação do capitalismo e, com ele, a necessidade da mulher em ocupar o mercado de trabalho, desencadeando desta forma, uma movimentação entre os operários pela reivindicação de um lugar para deixarem seus filhos.

A Educação Infantil nem sempre teve um lugar de destaque na formação da criança pequena. Surgiu como uma instituição assistencial como destaca Fullgraf (2007) que vinha com objetivo de suprir as necessidades da criança e de ocupar, em muitos aspectos o lugar da família. As creches preenchem esta necessidade para a classe trabalhadora. Firmando-se assim, o cuidar, a atividade principal dessas instituições.

Na década de 1980 dá-se um avanço em relação à Educação Infantil. Estudos e pesquisas foram realizados com objetivo de discutir a função da creche/pré-escola. Pode-se destacar que independente da classe social, a educação da criança pequena todas deveriam ter é extremamente importante e seu acesso deveria ser garantido. Segundo a constituição de 1988, Art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

O reconhecimento deste direito encontra-se afirmado na Constituição de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 está explícito nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil e no Plano Nacional de Educação. Isso tem consequências para a formação de

professores e as políticas municipais e estaduais que, com maior ou menor ênfase, têm investido na educação infantil como nunca antes no Brasil.

Em 1994, o Ministério da Educação e Cultura publicou o documento Política Nacional de Educação Infantil que estabeleceu metas como a expansão de vagas e políticas de melhoria da qualidade no atendimento às crianças, entre elas a necessidade de qualificação dos profissionais, que resultou no documento por uma política de formação do profissional de Educação Infantil.

Em 1996, com a promulgação da Emenda Constitucional que cria a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), O artigo 62 foi pioneiro ao estabelecer a necessidade de formação para o profissional da Educação Infantil. Segundo a lei, a formação do educador desse segmento deve ser "em nível superior, admitindo-se, como formação mínima, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal". O texto reafirma, também, a responsabilidade constitucional dos municípios na oferta de Educação Infantil, contando com a assistência técnica e financeira da União e dos estados.

A Educação Infantil passou a ser a primeira etapa da Educação Básica, integrando-se ao ensino Fundamental e Médio. Só então a Educação Infantil ganhou uma dimensão mais ampla dentro do sistema educacional e a criança foi vista como um ser inocente que precisa de cuidados. Segundo Kramer:

Nesse momento, o sentimento de infância corresponde a duas atitudes contraditórias: uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é traduzida pela paparicação dos adultos, e a outra surge simultaneamente à primeira, mas se contrapõe à ela, tornando a criança um ser imperfeito e incompleto, que necessita da "moralização" e da educação feita pelo adulto (2003:18).

Esses dois sentimentos são originados por uma nova postura da família em relação à criança, que passa a assumir mais efetivamente a sua função, a família começa a perceber a criança como um investimento futuro, que precisa ser preservado e, portanto deve ser afastada de maus físicos e morais. A criança sai do anonimato e lentamente ocupa um espaço de maior destaque na sociedade. Hoje, a criança é vista como um sujeito de direitos, situado historicamente e que precisa ter as suas necessidades físicas, cognitivas, psicológicas, emocionais e sociais supridas, caracterizando um atendimento integral que precisa ter todas as suas dimensões respeitadas. Assim, a concepção da criança como um ser particular, com características bem diferentes das dos adultos, e como portador de direitos

enquanto cidadão, é que vai provocar as maiores mudanças na Educação Infantil, tornando o atendimento às crianças de 0 a 6 anos ainda mais específico, exigindo do docente uma postura consciente de como deve ser realizado o trabalho com as crianças pequenas, quais as suas necessidades enquanto criança e enquanto cidadão.

Com o objetivo de oferecer parâmetros para a manutenção e a criação de novas instituições de Educação Infantil, o MEC publicou, em 1998, o documento Subsídios para credenciamento e o funcionamento das instituições de Educação Infantil. No mesmo ano, visando à elaboração de currículos de Educação Infantil, cuja responsabilidade foi delegada pela LDB a cada instituição e seus professores, o ministério editou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Um ano depois, em 1999, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Esses documentos são, hoje, os principais instrumentos para elaboração e avaliação das propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil do país.

A Educação Infantil passa a ser vista como a junção do educar e cuidar. Cuidar no sentido que as necessidades básicas da criança sejam atendidas e, educar, porque deve oferecer à criança, possibilidades de descobertas e aprendizados.

Lei 9.131/95. Art. 3º [...] III – As Instituições de Educação Infantil devem promover em Suas Propostas Pedagógicas práticas de educação e cuidados que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivo cognitivos/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível.

Deixando de ser vista como um artigo de luxo, mas um direito a todas as crianças brasileiras. A Educação Infantil, para atender essa nova demanda, necessita alterar suas práticas pedagógicas. No Brasil a educação infantil passa a ser vista como primeira etapa da educação básica, sendo o período de vida escolar em que se atende, pedagogicamente, crianças com idade entre zero e cinco anos e onze meses. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional chama o equipamento educacional que atende crianças de zero a três anos de "creche". O equipamento educacional que atende crianças de quatro a seis anos se chama "pré-escola".

SOCIEDADE, CULTURA, IDENTIDADE E APRENDIZAGEM

Não há espaço para quem ainda percebe a creche como um lugar onde só se cuida de crianças, que ainda a vê como uma instituição essencialmente assistencialista. A proposta pedagógica é sem dúvida uma ferramenta importante, se não fundamental, para o sucesso do processo educacional. Segundo Zabala (1998), a capacidade de uma pessoa para se relacionar depende das experiências que vivem, e as instituições educacionais são um dos lugares preferenciais. Para se estabelecer vínculos e relações que condicionam e definem as próprias concepções pessoais sobre si mesmo e sobre os demais.

(...) os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação caminham juntos, a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista, na imaginação a direção da consciência tende a se afastar da realidade. Esse distanciamento da realidade através de uma história por exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade, afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece. VYGOTSKY (1989).

A partir dessa interação da criança com a sociedade, que é tida como local de interações humanas. É nela que o ser humano se descobre, age, comunica seus pensamentos, celebra suas conquistas ou demonstra suas fragilidades. É através dessas interações na sociedade que a criança começa a construção da sua identidade segundo destaca o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

O desenvolvimento da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização. Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias. (BRASIL,1998,p.11).

Essa construção se inicia quando nascemos e nos acompanha durante toda nossa existência, é um processo influenciado pela sociedade a qual estamos inseridos que desde o nosso nascimento dita valores regras a serem seguidos. Isso na infância tem um peso muito grande, pois as crianças ficam bitoladas a seguir regras, na maior parte tudo “não pode”, “não faça” e através das brincadeiras a

criança se permite extravasar e vivenciar vários papéis, permitindo fugir as regras, valores e normas explorando um novo mundo. Assim inicia o período de conquista da individualidade da criança que é marcada por momentos de frustração, medos angustias, descobertas e mudanças que nem sempre estão de acordo com as regras impostas pela sociedade.

Considerando que as bases da sociedade contemporânea vêm sendo voltadas para economia, a escola tem se constituído a partir de valores voltados a construção de um sujeito competitivo. Esses valores de sujeito competitivo iniciaram desde os primórdios quando, o homem que segundo Vygotsky: “é um ser social, pois se constitui nas e pelas relações sociais que estabelece com outros homens e com a natureza, sendo produto e produtor destas relações num processo histórico” (SILVA E DAVIS; 2004 p.641) essa humanização foi possível devido a dominação da natureza para a produção de bens voltados para o próprio sustento, domínio esse, que o homem só conseguiu quando passou a conhecer melhor a natureza, cuidando e fazendo proveito de seus bens.

A partir do momento que o homem interfere na natureza e produz seus modos de sobrevivência por meio do trabalho e uso de instrumentos, desenvolvendo também a comunicação, modificando o seu modo de vida, construindo uma nova realidade permeada pelo conhecimento e pela cultura.

Segundo destaca Martha Kohl de Oliveira: “Na relação com o mundo, mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente, o ser humano cria as formas de ação que o distinguem de outros animais.” (1992, p.24). Através dessas relações e criações o homem desenvolve novas aprendizagens e amplia seu repertório de experiências.

Tomando como referência o ambiente cultural onde o homem nasce e se desenvolve, a abordagem de Vygotsky entende que o processo de construção do conhecimento ocorre através da interação do sujeito historicamente situado com o ambiente sócio-cultural onde vive.

A educação deve, nessa perspectiva, tomar como referência toda a experiência de vida própria do sujeito. Educação é tida como o processo de ensinar e aprender. É um fenômeno observado em qualquer sociedade, dos modos culturais de ser, estar e agir, necessários à convivência e ao ajustamento de um membro na sociedade. Enquanto processo de socialização, a educação é

exercida nos diversos espaços de convívio social, seja para a adequação do indivíduo à sociedade, do indivíduo ao grupo ou dos grupos à sociedade.

Nesse sentido, educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram preparadas para a vida social, tem como objetivo provocar e desenvolver, na criança, certos questionamentos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio ao qual a criança faz parte.

Para muitos a palavra educação refere-se ao trabalho que se desenvolve no contexto das escolas. Desenvolve-se de forma organizada, em ambientes que pouco ou nada se modificaram ao longo dos tempos. O objetivo da educação pode ser a habilitação de crianças e jovens em conhecimentos fundamentais para a sua sobrevivência e inserção na sociedade em que vivem como a aprendizagem dos cálculos matemáticos, da linguagem (escrita, leitura e fala) e, eventualmente, de alguns outros “conteúdos”, não tão essenciais, mas que podem fazer pequenas diferenças. Vygotsky dá uma atenção especial à educação por considerar que ela possibilita desenvolver modalidades de pensamento bastante específicas, possuindo um papel diferente e insubstituível, na apropriação pelo sujeito da experiência culturalmente acumulada.

Ao interagir com esses conhecimentos, o ser humano se transforma: aprender a ler e a escrever, obter o domínio de formas complexas de cálculos, construir significados a partir das informações descontextualizadas, ampliar seus conhecimentos, lidar com conceitos científicos hierarquicamente relacionados, são atividades extremamente importantes e complexas, que possibilitam novas formas de pensamento, de inserção e atuação em seu meio. Isto quer dizer que as atividades desenvolvidas e os conceitos aprendidos na educação escolar (que VYGOTSKY chama de científico) introduzem novos modos de operação intelectual: abstrações e generalizações mais amplas acerca da realidade (que por sua vez transformam os modos de utilização da linguagem). Como consequência, na medida em que o sujeito expande seus conhecimentos, modifica sua relação cognitiva com o mundo. (Rego, 1996, p.104)

Aprendizagem tida como a função de estimular os processos de desenvolvimento internos do ser humano, que são capazes de agir somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente ou quando contribui com seus companheiros. Para Vygotsky “desenvolvimento e aprendizagem são dois processos genética e funcionalmente distintos, mas que mantêm relações entre si. A aprendizagem, por criar processos internos, impulsiona o desenvolvimento, formando uma zona de desenvolvimento proximal.” (apud SILVA E DAVIS, 2004, p.

643) essa permite que a criança formule novos conceitos através das experiências vivenciadas no dia a dia, na interação com o meio.

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal, para que desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente. (VYGOTSKY, 1998, p.115)

Desde que a criança nasce começa seu longo caminho de aprendizagem e desenvolvimento, que ao longo dos anos vai se aperfeiçoando com o desenvolvimento da linguagem, dos movimentos e das experiências vivenciadas com as brincadeiras, que representam a vivência no brincar como se ela fosse maior do que é, na realidade, fator de grande importância no seu desenvolvimento.

Brincando a criança elabora hipóteses para a resolução dos problemas e toma atitudes além do comportamento comum de sua idade, onde a base para a construção de uma atividade criadora é a imaginação, no ato de apropriar-se da realização de outrem promove novas preparações e representações, resultando na evolução, desenvolvimento e ampliação do repertório pessoal e da coletividade.

E do mesmo modo que a imaginação apóia-se na experiência, a experiência também pode ser construída a partir da mobilização da imaginação do indivíduo. Em relação a esse aspecto significa que tudo o que constrói a fantasia difunde mutuamente em nossos sentimentos, e ainda que essa construção em si não concorde com a realidade, todos os sentimentos que ela provoca são reais e efetivamente vividos pelo ser humano que os experimenta.

A arte como um objeto fundamental a ser pensado no planejamento das intervenções pedagógicas tem como objetivo promover o exercício da atividade criadora e para tal finalidade deve-se criar um ambiente educativo que estimule e respeite a livre expressão de criatividade da criança, qualquer mudança no sentido de retocar ou corrigir o desenho da criança representa apenas uma grosseira intromissão na ordem psicológica da sua vivência e aventura, constituindo-se um impedimento à sua experiência.

BRINCADEIRA, JOGOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES.

A curiosidade é uma característica da criança que deve ser estimulada. É através da brincadeira que a criança estimula sua criatividade, além do mais a brincadeira proporciona o contato social e a reorganização das relações emocionais.

Muitas das brincadeiras realizadas envolvem movimento que vem a ser para a criança a sua realidade imediata e espontânea pela forma como experimenta as coisas e lhe dá vida própria.

O domínio do corpo e a conquista sensorial e intelectual do espaço estabelece-se a partir do momento em que são facilitadas as oportunidades de iniciativa através de múltiplas experiências de movimento nos diversos locais em que se encontra.

Esta possibilidade da criança poder perceber, programar e realizar ações favorece a aquisição de aprendizagens básicas, importantes para o seu desenvolvimento e para sua adaptabilidade social.

Durante as brincadeiras as crianças aprendem a lidar com regras, e com o seu emocional vivenciando momentos de prazer. E muitas vezes durante a brincadeira são vivenciados jogos que podem contribuir significativamente para o processo de construção do conhecimento da criança como mediadores das aprendizagens expressivas. Vários estudos a esse respeito vêm comprovar que o jogo, além de ser fonte de prazer e descoberta para a criança, é a tradução do contexto sócio - cultural -histórico refletido na cultura através experiência.

Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente, a função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança. Neste sentido, qualquer jogo empregado na escola, desde que respeite a natureza e o ato lúdico, apresenta caráter educativo e pode receber também a denominação de jogo educativo. (Kishimoto, 1994, p.22)

O jogo, em seu sentido integral, é o mais eficiente meio estimulador das inteligências. O espaço do jogo permite que a criança (e até mesmo o adulto) realize tudo quanto deseja. Quando entretido em um jogo, o indivíduo é quem quer ser, ordena o que quer ordenar, decide sem restrições. Graças a ele, pode obter a satisfação simbólica do desejo de ser grande, do anseio em ser livre. Socialmente, o jogo impõe o controle dos impulsos, a aceitação das regras, mas sem que se venda a elas, posto que sejam as mesmas estabelecidas pelos que jogam e não impostas por qualquer estrutura alienante. Durante as brincadeiras a criança começa a lidar com suas emoções.

As emoções são a exteriorização da afetividade (...). Nelas que assentam os exercícios gregários, que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade. As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados. (Wallon, 1975, p. 143)

As emoções participam do processo corporal de tomada de consciência, emergem deste. Isto nos levaria a considerar que a possibilidade do atributo da inconsciência seria completamente excluída no tocante às emoções, sentimentos e afetos. Para Vygotsky (1996) “[...] o afeto e o intelecto não são dois pólos reciprocamente excludentes, mas duas funções psíquicas estreitamente vinculadas entre si e inseparáveis.” (p.314). O afeto tem um papel importantíssimo no desenvolvimento psíquico e em todas as suas etapas e é concebido em unidade com o raciocínio. Emerge do processo dinâmico de constituição psíquica que procura uma integração entre o corpo e a mente. Também é o processo central responsável pela unidade entre as funções sensoriais e motoras que caracteriza o primeiro ano de vida da criança.

INTERAGINDO E CONSTRUINDO A IDENTIDADE ATRAVÉS DAS BRINCADEIRAS

Durante o período de maio a novembro foi aplicado um projeto de intervenção no Centro Municipal de Educação Infantil Arco Iris, situado a Rua Adolfo Olsen, nº78 no Bairro Cruzeiro na cidade de Rio Negrinho. Este CMEI iniciou suas atividades no ano de 1992, em 2010 teve desmembrado de suas obrigações os níveis II, nível III e a pré-escola que passaram a fazer parte do CMEI Algodão Doce que foi criado para suprir a procura por vagas na educação infantil no bairro Cruzeiro e proximidades, a partir de então ficou sobre a responsabilidade do CMEI Arco Iris as turmas de berçário, maternal e nível I.

Apesar de seus quase vinte anos de atendimento o CMEI ainda espera por uma revitalização, pois, sua infra-estrutura não está totalmente condizente com a faixa etária a qual atende. Salas pequenas, um único banheiro para crianças e distantes das salas. Existem dois maternais, mais apenas em uma das salas possui trocador adaptado, com chuveiro o que facilita a troca das fraldas. Na outra sala a troca é realizada sobre uma mesinha de improvisado e quando ocorrem imprevistos

que necessitem de um banho ou uma troca mais higienizada as professoras emprestam o trocador do berçário ou do outro maternal.

Na área externa existe um espaço para a realização de atividades ao ar livre, no entanto este não é suficiente para suprir a necessidade da clientela a qual atende. Até o início do mês de novembro as crianças só tinham um parque em que o único atrativo era o escorregador e a rede de escala, que são inapropriados para a idade das crianças do CMEI, além de atividades direcionadas e brincadeiras realizadas pelas professoras, para tornar os momentos ao ar livre mais prazerosos. Depois de muito se pedir e insistir em meados de novembro as crianças tiveram acesso a caixa de areia, um local que foi pouco explorado devido a proximidade do final do ano letivo.

A turma que participou do projeto de intervenção foi o nível I - 2, com idade entre 2 anos, o qual contava com um total de quinze crianças sendo seis meninas e nove meninos, uma turminha bem ativa, agitada e curiosa, que manifestou muito interesse nas atividades realizadas além das preferências por aquelas que envolvessem o corpo e trabalhassem o movimento. Desde o início do ano letivo foi uma turminha que teve um ótimo período de adaptação, como assumi a turma em meados de março as crianças já estavam enturmadas já se conheciam, e identificavam os pertences dos colegas.

Porém, uma situação me chamou a atenção, onde um dos coleguinhos da sala era chamado de "geminho" pelos amiguinhos, uma situação um tanto quanto frustrante, pois todos possuem um nome e por ele queremos ser chamados e reconhecidos. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a identidade "é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, do modo de agir e de pensar e da história pessoal". (p.13, 1998).

E como a identidade de qualquer pessoa começa pelo seu nome, suas características físicas e pessoais, buscou-se entender o porquê de geminho. Esse menino tem um irmão gêmeo idêntico, que durante o tempo em que frequentam o CMEI sempre estavam juntos na mesma sala. E devida à semelhança de ambos, era difícil identificar quem era quem, e por comodismo, ou pela facilidade acabaram achando apelidos como geminho ou mano para chamar ou identificar os dois. Mas

neste ano por uma questão de experiência e para facilitar esse processo de identificação, as crianças foram separadas cada uma em uma sala de nível I.

Apesar da pouca idade esses meninos já possuem uma história nem um pouco agradável, pois a mãe abandonou-os com o pai quando ainda tinham apenas um ano e um mês de vida, o pai procurou da sua forma, cuidar e dar a atenção que ambos precisavam, mas como trabalha fora, em muitas ocasiões ele relatou que nem sabia como as crianças haviam dormido pois, devido ao cansaço, dormia antes dos pequenos. Como toda criança sadia tem energia para pular, correr, e quer atenção e brincar o pai pode ser visto como um vencedor. Quando ele deixava seus filhos no CMEI notava-se certa angustia talvez pelo fato de seus filhos serem reconhecidos mas não pelo nome.

Então quando decidiu-se fazer o projeto de intervenção buscou-se meios de ajudar não somente os meninos, mas todo o grupo, pois a partir daquele momento todos estavam envolvidos, de certa forma, com o projeto, desde a auxiliar de serviços gerais até a direção. E como primeira atividade chamou-se o pai e lhe foi dado duas pulseiras de cores diferentes para que identifica-se, quem era Breno e quem era Bryan, deste momento em diante ambos ficaram reconhecidos pelos seus nomes. Mas nem todos os profissionais que ali estavam se propuseram a chamá-los pelo nome ainda se escutava nos corredores “geminho não assim! geminho come direito! geminho venha limpar o nariz!”. Isso ocorria muito na sala vizinha onde se encontrava o aluno Bryan.

Depois que o pai identificou quem era quem iniciou-se todo um trabalho voltado para que os amigos chamassem Breno pelo nome. A partir desse momento realizou-se na sala a primeira atividade de identificação, que foi a confecção da chamada de parede, a qual além do nome tinha também a foto dos alunos, realizou-se uma roda de conversa para falar do nome de cada criança e o quanto esse é importante, também brincadeiras com cantigas de roda enfatizando o nome das crianças como: o barquinho virou, se eu fosse um peixinho, se esta rua fosse minha e viuvinha. Ambas as atividades tinham o intuito de destacar que cada criança é um ser único em interação com os demais amiguinhos a sua volta.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil “As crianças vão, gradualmente, percebendo-se e percebendo os outros como diferentes, permitindo que possam acionar seus próprios recursos, o que representa uma condição essencial para desenvolvimento da autonomia.” (BRASIL, 1998, p.14).

Esse processo de perceber-se como ser único também faz parte da construção do eu, da identidade que busca-se diariamente. Durante o período de aplicação do projeto realizou-se inúmeras vezes atividades em frente ao espelho com o objetivo do reconhecimento das partes do corpo, a valorização do que é meu, e durante todo o processo as crianças gostavam do que estavam realizando, se sentiam seguras maduras e confiantes realizavam gestos, caretas, tocavam onde era pedido, demonstrando assim serem únicas.

Como destaca o RCNEI (BRASIL,1998, p.15) “A exploração de seu corpo e movimentos, assim como o contato com o corpo do outro, são fundamentais para um primeiro nível de diferenciação do eu.” Essa diferenciação ocorre quando as crianças identificam o que é seu, durante as trocas de roupa procura-se explorar o corpo da criança perguntando a ela de quem é essa barriga, esse pé esse joelho e em outras ocasiões explorou-se os objetos trazidos de casa.

Como a socialização das crianças tem seu início com a família assim como destaca o Referencial.

[...] Em geral a família é a primeira matriz de socialização. Ali, cada um possui traços que o distingue dos demais elementos, ligados à posição que ocupa (filho mais velho, caçula etc.), ao papel que desempenha, às suas características físicas, ao seu temperamento, às relações específicas com pai, mãe e outros membros etc. (BRASIL, 1998,p.13)

Durante todo o projeto procurou-se envolver as famílias, seja através das produções realizadas pelos alunos em sala, seja nas tarefas ou nos bilhetinhos. Interessante relatar que as crianças identificavam seus pais, irmão ou tios e também os dos coleguinhas, se falássemos:

_ Olha chegou “meu” pai! – referenciando que aquela pessoa seria o pai da docente.

_Nem é teu! E do fulano! – respondiam os alunos.

É através dessas pequenas questões que as crianças ainda demonstram seus sentimentos de posse e de poder que imaginam ter sobre tudo que as rodeiam, mas aos poucos estão perdendo este sentimento de egocentrismo. E aprendendo a dividir e compartilhar seus brinquedos, materiais e também a atenção dos familiares.

Em diversos momentos brincou-se de faz de conta com materiais de cozinha, no parque como se fossem a uma viagem de navio onde em determinados locais haviam jacarés, brincaram de caçar o ursinho, tudo com o objetivo de refinar a

imaginação, e poder ser alguém além de eu mesmo, entrando num verdadeiro mundo de faz de conta, garantindo aos alunos o poder de escolha tão importante para o desenvolvimento da identidade de cada um. BRASIL: “A fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre a relação entre as pessoas, sobre o eu e sobre o outro”. Assim destaca o RCNEI, 1998, p.22.

Além das brincadeiras convencionais de roda, no parque ou do faz de conta, às crianças tiveram contato com joguinhos de montar, onde usavam e abusavam da imaginação para recriar espaços como: casas, prédios, armas carros, enfim objetos palpáveis. E em cada nova peça montada pela criança um novo objeto, uma nova experiência segundo o RCNEI:

Brincar é, assim, um espaço no qual se pode observar a coordenação das experiências prévias das crianças e aquilo que os objetos manipulados sugerem ou provocam no momento presente. Pela repetição daquilo que já conhecem, utilizando a ativação da memória, atualizam seus conhecimentos prévios, ampliando-os e transformando-os por meio da criação de uma situação imaginária nova. Brincar constitui-se, dessa forma, em uma atividade interna das crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira. (BRASIL,1998, p.23)

Durante todo o processo de aplicação do projeto obteve-se grandes avanços em relação à construção da identidade das crianças em especial a do Breno que já conseguia se identificar com seu nome, quando no parque e os dois irmãos estavam juntos era inevitável à pergunta: quem é você?

E foi prazeroso ouvir: “eu sou o Breno” ou “eu sou o Bryan”, pois durante todo o processo de execução do projeto mesmo não estando na mesma sala, mas interagindo no parque, nas contações de história e em casa os irmãos aprenderam a identificarem-se pelo nome, uma questão com a qual convivemos desde o nosso nascimento e faz parte de toda uma vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar que todas as metas pré-estabelecidas durante a realização da intervenção foram alcançadas é um tanto quanto ilusório, mas ao trabalhar de forma lúdica e buscando fascinar as crianças, tudo aquilo que almejamos quando inicialmente propomos nossos objetivos de trabalho se torna o resultado final.

E o resultado final do projeto aplicado não poderia ser outro, afinal entrar em sala ao final de um longo ano de trabalho e ver que houve mudança na conduta das crianças envolvidas no processo é muito gratificante, estar no parque com duas turminhas e ao ver os irmãos brincarem juntos e ter a nítida sensação de que estas crianças agora são seres únicos que se reconhecem, sabem quem é Breno e quem é Bryan, tem uma importância fascinante no meu trabalho como educadora.

A aplicação deste projeto representou um grande avanço tanto nas práticas pedagógicas que até então eram realizadas, como um conhecimento mais amplo e significativo sobre o que é identidade, e a importância do brincar nesta construção.

Este trabalho em si representou uma superação muito grande, pois pode-se constatar que sempre podemos fazer algo para impulsionar o desenvolvimento de nossas crianças, aumentar sua autoestima, impulsionar sua criatividade e curiosidade, estar presente durante as brincadeiras e se envolver, só assim poderemos imaginar o que se passa na cabeça de cada uma.

A brincadeira não é um mero passatempo infantil. É durante o brincar que a criança descobre o seu eu, representa papéis, e tem a oportunidade de fazer suas escolhas sem que seja punida, também interage com o meio, isso faz com que ela estabeleça normas. A brincadeira é um mundo do faz de conta que possibilita a criança entender o mundo a sua volta, entender a sociedade onde está inserida e se descobrir como ser único.

Todos os progressos obtidos durante e depois da aplicação do projeto nos faz refletir sobre o verdadeiro papel do educador infantil que vai muito além do querer só alfabetizar, ou que as crianças contem números e quantidades. O verdadeiro papel do educador está no gesto, no sorriso na dedicação de cada atividade realizada para a contribuição do crescimento e desenvolvimento de cada criança.

REFERÊNCIAS

ARIES, P.. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. LTC, 1978.

BRASIL, **Referencial Curricular para a Educação Infantil**, Vol. 1. BRASÍLIA: MEC/SEI, 1998.

_____. **REFERENCIAL CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**. v. 2, Brasília: MEC/SEF, 1998.

DAVIS, C.; SILVA, F. G. da. **CONCEITOS DE VIGOTSKI NO BRASIL CADERNO DE PESQUISA**, v.34,n123, set/dez. 2004.

ECA,**Estatuto da Criança e do Adolescente** .Lei N° 8.069/90

FULGRAFF,J.B.G.; O UNICEF e a Política de educação infantil no governo lula.2007.39 f. Tese (Doutorado em Educação)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo,2007.

LDB,**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** N° 9.394/96

KISHIMOTO, T.M. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

OLIVEIRA, M.K.de; DANTAS, H. DE LATAILLE, Y. **PIAGET VYGOTSKY E WALLON: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: summus, 1992 120p.

OLIVEIRA, M. K. de, **Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: editora Scipione, 1995.

REGO, T. C.. Vygotsky. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. RJ: Vozes, 1995.

WALLON, H., (1975). **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa.

VYGOTSKY, L.S. **Formação Social da Mente**. SP: Martins Fontes, 1989.

_____. **Obras Escogidas**(Vol4), Madrid: Visor, 1996

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar.in: VYGOTSKY, L.S; LURIA, A.R.;LEONTIEV,A.N.(Org.). **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998.p.103-117.

ZABALA, A. **A Prática Educativa: como ensinar**; trad. Ernani Rosa – Porto Alegre: ArtMed, 1998 224p.

www.anped.org.br/reunioes/24/T2071149960279.doc acessado em: 20/10/2011